

OS IEZIDIS SOB O DOMÍNIO ISLÂMICO: REINVENÇÕES DE UMA TRADIÇÃO

ALFREDO BRONZATO DA COSTA CRUZ PPGH/UERJ.

Doutorando em História Política.Capes/FAPERJ.

E-mail: bccruz.alfredo@gmail.com

DIOGO ALVES DA CONCEIÇÃO SANTANA DF/UERJ.

Graduando em Filosofia

E-mail: diogosantana45@yahoo.com.br

O pensamento islâmico clássico dividiu o mundo em duas partes qualitativamente distintas: a *Casa da Paz* e a *Casa da Guerra*. Havia em primeiro lugar os *crentes*, os muçulmanos, que tinham obrigações militares e financeiras e um estatuto de cidadania privilegiado no Estado Islâmico. Entre os não-crentes, conjunto populacional que durante muito tempo constitui a maioria absoluta em terras que hoje consideramos sólida e naturalmente islâmicas, haviam os *idólatras*, aos quais se deixava a opção da imediata conversão ao Islã ou da morte, e os membros da *Ahl al-Kitab*, o *Povo do Livro*, ou seja, cristãos, judeus e sabeus. O estatuto dos membros do Povo do Livro estava claramente definido durante o período clássico do Islã e era, em alguns aspectos, claramente inferior ao dos muçulmanos, ainda que superior ao dos idólatras. Relativamente respeitados por se acreditar que eram os guardiões de uma Escritura Sagrada, divinamente revelada, anterior ao Corão, os membros do Povo do Livro eram considerados *dhimmis*, integrantes de um grupo particularmente protegido pelas autoridades islâmicas, o *Ahl al-Dhimmah*, *Povo do Contrato*, que mediante o pagamento da *jizya*, um imposto capital, anualmente quitado em sinal de reconhecimento da primazia do Islã e uma espécie de resgate militar – já que a participação nas atividades bélicas encontrava-se legalmente restrita aos muçulmanos –, mantinham uma organização própria e podiam participar de uma boa parte dos espaços da sociedade (re)ordenada pelo governo islâmico. Enquanto o tratamento dado aos idólatras, ou seja, aos membros das religiões tradicionais, via de regra já hostilizados pelos judeus e cristãos, era implacável, o conceito de dhimmi era suficientemente elástico para possibilitar negociações.

Os yezidis são uma minoria religiosa ou etno-religiosa autóctone do norte da Mesopotâmia, colocada sob domínio islâmico ainda durante a expansão inicial do califado. O centro da fé yezidi é a veneração do anjo pavão Melek Taus, que por amor a Deus se recusou a obedecer a ordem divina de curvar-se diante de Adão, o primeiro homem criado. Sendo esse uma espécie de teste, Melek Taus foi promovido a líder dos anjos e, por isso, o mais belo e poderoso, sendo-lhe atribuída a designação de protetor da Terra. As práticas religiosas deste grupo remontam, em última instância, às antigas religiões autóctones do Eufrates, mas desde a Antiguidade Tardia e o Medievo, sob o peso político das ortodoxias cristã, zoroastriana e muçulmana, a fé yezidi sofreu modificações em seu conteúdo e em sua forma de apresentação. Para judeus, cristãos e muçulmanos, o mito central dos yezidis faz uma referência evidente a Satã, anjo rebelde expulso do Céu, o que fez com que recebessem a alcunha de *adoradores do Diabo* e fossem alvo de sucessivas tentativas de conversão forçada ou simples extermínio, que infelizmente permanecem até os dias de hoje. Por outro lado, a conversão de dissidentes islâmicos à fé yezidi, homens e mulheres oriundos principalmente das correntes sincretistas do xiismo ismailita e da heterodoxia sufi, sujeitos que identificavam nela um monoteísmo ancestral, ainda que parcialmente velado, marcado por um supremo amor e fidelidade ao único Deus, possibilitou que essa religião adotasse certo linguajar e aparência pública ostensivamente islamizados. Ao mesmo tempo em que os yezidis se fechavam em uma comunidade fortemente endogâmica, seus sheiks obtiveram uma certa proteção política aos seus clientes no interior do ecúmeno islâmico. Um complexo sistema sincrético foi gradativamente elaborado, incorporando numerosos elementos provenientes do judaísmo, do cristianismo, do zoroastrianismo e, principalmente, das vertentes mais místicas do Islã. Como no sufismo e nas dissidências xiitas da Idade Média Central, os diferentes protetores dos yezidis foram por eles elevados à condição de santos ou de homens semi-divinos, rememorados e venerados à maneira do cristianismo oriental e do islamismo esotérico. As crenças e práticas religiosas que até então haviam sido oralmente transmitidas foram codificadas em livros sagrados, o que possibilitou que argumentassem junto às autoridades muçulmanas serem não simples idólatras, mas sabeus ou um outro ramo do Povo do Livro. Por outro lado, a natureza e conteúdo desses livros permanecem ainda hermeticamente protegidos, de modo que a religião mantém o seu caráter fechado. Os textos dados ao conhecimento dos não-yezidis são os seus hinos, os *qawls*, que também foram transmitidos oralmente durante a maior parte de sua história, mas progressivamente

compilados por escrito, formando um sistema canônico de suas crenças e costumes, e tornando-o acessível em um jargão inteligível aos judeus, cristãos e muçulmanos.

O conhecimento que têm os historiadores dos yezidis, portanto, é truncado, e depende em larga medida do embate e do diálogo dos membros dessa comunidade com os judeus, cristãos e muçulmanos. Material a seu respeito provém dos documentos oficiais dos governos, dos registros das conquistas territoriais e dos expurgos étnico-religiosos, dos relatos das expedições missionárias e das memórias dos viajantes; parece que os livros sagrados dos yezidis publicados no Ocidente na década de 1910 eram falsificações escritas por não-yezidis em resposta ao interesse dos estudiosos por essa religião, baseadas em material de segunda mão, ainda que um pouco consistente com algumas de suas tradições autênticas. Para a presente comunicação, de modo particular, procuramos nos deter nos relatos do missionário anglicano Georgy Percy Badger, que esteve na Mesopotâmia e no Curdistão como legado do arcebispo da Cantuária para o diálogo com os cristãos siríaco-orientais nos anos de 1842 a 1845. Esse personagem fez uma descrição bem informada dos yezidis, baseada em conhecimento de primeira mão, no décimo capítulo do primeiro volume de seu *The nestorians and their rituals, with the narrative of a mission to Mesopotamia and Coordistan in 1842-44, and of a late visit to those countries in 1850, also researches into the present condition of the syrian jacobites, papal syrians and chaldeans, and an inquiry into the religious tenets of the yezedees*; mais tarde, esse capítulo, ampliado com uma pesquisa bibliográfica, veio a ser publicada por Percy como um volume separado, sob o título de *The yezidi's: misteries and religion*. Estes trabalhos, provenientes da década de 1850, são decerto datados, mas ainda valiosos, por se basearam em sua parte mais significativa na observação direta dos fenômenos descritos. Também levamos em consideração aqui o ensaio de Birgul Açıkyidiz sobre os yezidis, publicado sob o título de *The yezidis: the history of a community, culture and religion*, baseado no trabalho de campo que esse especialista em arquitetura medieval islâmica e otomana realizou no Curdistão nos anos de 2002 a 2005. O que se quer destacar nos relatos verificados é o quanto as sínteses promovidas pelos yezidis com as culturas religiosas dos monoteísmos abraâmicos indicam uma estratégia de sobrevivência, de proteção, enquanto seus fundamentos tradicionais foram sistematicamente preservados e velados à participação de estrangeiros. Ao lado das assimilações e hibridizações, tem-se um orgulho étnico-religioso que remete as origens da comunidade ao passado glorioso marcado pelas conquistas e terrores dos reis assírios contra os seus vizinhos, sentimento que se cristalizou, por outro lado, em uma verdadeira aversão às tradições estrangeiras, mantido por um sistema de castas, um sacerdócio

hereditário e por uma estrita endogamia. Essa dinâmica fica muito evidente no relato de Percy, quando o missionário identifica nos símbolos, ritos e doutrinas dos yezidis tanto elementos presentes nos textos e nos vestígios arqueológicos que estavam sendo exumados em Nínive – cuja biblioteca havia sido redescoberta por Austen Henry Layard em 1849 –, ao mesmo tempo em que chama a atenção para o fato de que eles veneram personagens da tradição abraâmica, como o próprio Abraão, Adão, Noé, Jesus e a Virgem Maria, e tributam respeito ao Velho e Novo Testamentos e ao Corão. Percy destaca que alguns dos ritos yezidis lembram os sacramentos cristãos, mas igualmente práticas judaicas e muçulmanas, tanto as comuns quanto as mais ou menos heterodoxas, e destaca entre esses as numerosas, significativas e complexas abluções rituais. Por outro lado, ao contrário de judeus, cristãos e muçulmanos, mas de forma idêntica aos zoroastrianos, os yezidis normalmente rejeitam os jejuns e os auto-sacrifícios, considerando-os uma rejeição afrontosa aos bens providenciados aos crentes pela divindade. A circuncisão é quase universalmente praticada entre os yezidis, mas deve se lembrar de que ela é uma prática anterior ao surgimento do Islã e mesmo do judaísmo, de modo que sua manutenção nesta comunidade não se deve, de modo necessário, a algum empréstimo religioso.

A hipótese de que os yezidis reinventaram-se sob o domínio islâmico, modificando-se para perpetuarem-se, é ratificada pelo excessivo conjunto de práticas e devoções oriundas da tradição islâmica que eles incorporaram, não obstante um contraste mais ou menos explícito entre essas e aquilo que consta no que nos é dado a conhecer de sua tradição oral. O próprio nome Yezidi pode consistir de uma referência ao califa omíada Yazid (645-683 AD), um muçulmano pouco ortodoxo que dominou a Mesopotâmia e o Levante e realizou numerosas campanhas militares contra os seus rivais, incluindo os massacres que lhe outorgaram uma péssima reputação entre os xiitas. O sheik Adi Ibn Musafir (c.1070-1162 AD), conhecido santo sufi que reivindicava ligação com a então já há muito extinta dinastia dos omíadas, também é venerado pelos yezidis, sendo considerado por alguns deles inclusive como uma das encarnações do próprio Melek Taus. As homenagens prestadas por essa comunidade a personagens vinculados aos omíadas, contudo, podem ter sua origem na autonomia política e religiosa que os líderes desta dinastia concederam aos não-muçulmanos – enquanto pagassem a *jizya*, é claro -, contrapondo-os estrategicamente à tensão entre os grupos árabes rivais que marcou de forma tão dramática os primeiros séculos de existência do ecúmeno islâmico. Depois da queda do califado omíada, que teve como último governante Marwân II (688-750 AD), através da chamada revolução abássida, os não-muçulmanos sob o governo islâmico

passaram, via de regra, a ser alvo de hostilidades, perseguições e extermínios de forma mais recorrente; isso poderia justificar tanto a já mencionada veneração dos yezidis de personagens vinculados aos omíadas, como uma forma de nostalgia sagrada, quanto a sua adoção de práticas e, principalmente, de um linguajar religioso islâmico. Dada as especificidades de suas doutrinas e costumes, e sua notável proximidade com antigas crenças e ritos mesopotâmicos, por outro lado, não mais se justifica a opinião de alguns especialistas mais antigos que viam nos yezidis um movimento islâmico herético, surgido a partir da deposição dos omíadas e dotado, antes do mais, de cunho político.

Palavras-chave: Yezidis. História do Islã; Minorias religiosas sob domínio islâmico; Hibridismo. Continuidade cultura.

Referências Bibliográficas

AÇIKYILDIZ. Birgul. **The Yezidis: the history of a community culture and religion**. Ed. I.B. Tauris. 2014. 320 págs.

ASATRIAN. Garnik S. e ARAKELOVA. Victoria. **The Religion of the Peacock Angel: the yezidis and their spirit world**. Ed. Routledge. 2014. 160 págs.

_____. **The Yezidi Pantheon**. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/3172038/The_Yezidi_Pantheon>. Acesso em 13 set. 2017.

BADGER. George Percy. **The Yezidi's Misterys and Religion**. [s.n]. 2015. 48 págs.

SPÂT. Eszter. **Late Antique Motifs in Yezidi Oral Tradition**. Gorgias Press. 2010. 580 págs.